

---

*Disembodied Spirits and Deanimated Bodies.*  
*The psychopathology of common sense*  
Giovanni Stanghellini  
International Perspectives in Philosophy and Psychiatry  
Oxford, Oxford University Press, 2004

---

Clarissa de Rosalmeida Dantas

*Whether we know it or not, to practice or to research in the  
field of mental health require us to assume certain positions  
on several philosophical issues...*  
(Kenneth Kendler, 2005, p. 433)

A última década do século XX testemunhou um notável e renovado interesse em trabalhos interdisciplinares envolvendo filosofia e psiquiatria. Há uma crescente percepção de que sem o refinamento de seu quadro conceitual, para o que a filosofia fornece ferramentas indispensáveis, a psiquiatria não terá como integrar as informações obtidas com a pesquisa empírica em um corpo teórico coerente e dotado de sentido, ou mesmo como oferecer as bases adequadas a partir das quais a pesquisa empírica possa progredir. Também é crescente o reconhecimento de que a psiquiatria está fundada na experiência mental, em primeira pessoa, o que traz de volta à cena a abordagem fenomenológica em psicopatologia, uma vez que esta se propõe a “iluminar a qualidade das experiências subjetivas, seus significados pessoais e o padrão no qual elas estão situadas como parte de um todo significativo” (Stanghellini, 2004, p. 9).

A série *International Perspectives in Philosophy and Psychiatry* publicada pela Oxford University Press, da qual o livro de Giovanni Stanghellini – *Disembodied Spirits and Deanimated Bodies – The*

---

*Psychopathology of Common Sense* – faz parte, vem coroar essa reaproximação da psiquiatria e da filosofia. Stanghellini é psiquiatra, *Lecturer* em psicopatologia na Universidade de Florença, co-editor da série e editor associado da importante revista *Psychopathology*. Tem escrito extensivamente sobre os fundamentos filosóficos da psicopatologia, especialmente sob os pontos de vista fenomenológico e antropológico.

Em *Disembodied Spirits and Deanimated Bodies*, Stanghellini compromete-se declaradamente com uma compreensão da loucura como “incorporada” e “situada”. Adotando uma abordagem psicopatológica social, critica as tentativas iniciais da fenomenologia – e isso inclui Jaspers – de desenvolver uma teoria da experiência baseada na análise de indivíduos isolados, “dessituados”. A nova perspectiva que busca delinear nesse livro é um tipo de psicopatologia fenomenológica preocupada com o *embodiment* e com a intersubjetividade. Assim, “o foco da pesquisa psicopatológica é removido dos sintomas psicóticos plenamente desenvolvidos, ocorrendo em indivíduos isolados, e concentrado nas estruturas vulneráveis de sua consciência, estudada no contexto de seu mundo-vivido” (p. 11). Ao mesmo tempo, a ação social é compreendida tendo em conta sua dimensão subjetiva “e as formas de mediação simbólica operadas durante o processo de interação entre os indivíduos” (p. 12).

De partida não podemos esperar uma sobreposição entre a descrição fenomenológica da experiência psicótica que Stanghellini nos oferece e os critérios das classificações diagnósticas modernas, como a CID-10 e o DSM-IV. Alfred Kraus (2003), em um capítulo do livro *Nature and Narrative*, que inaugurou a série *International Perspectives in Philosophy and Psychiatry*, delinea com clareza as diferenças entre a abordagem sintomatológica-criteriológica do diagnóstico em psiquiatria, que fundamenta as classificações correntes, e uma abordagem fenomenológica-antropológica. No primeiro caso, a preocupação maior recai sobre a confiabilidade do diagnóstico, e não sobre sua validade, de modo que os sintomas a serem incluídos como critérios nessas classificações “foram selecionados pela possibilidade de definição e não por sua centralidade à essência da entidade psicopatológica (por exemplo, deixando de fora o autismo esquizofrênico)” (Kraus, 2003, p. 204).

Justamente o autismo esquizofrênico, considerado em um sentido amplo, de distúrbios na área da competência social, é tido por Stanghellini e outros psicopatólogos de orientação fenomenológica, como um fenômeno fundamental da vulnerabilidade psicótica. Stanghellini chega a afirmar: “... assim como o delírio representou a revelação mais fecunda do mundo esquizofrênico da era asilar,

atualmente a condição pseudo-sociopática<sup>2</sup> encarna o protótipo da esquizofrenia. (...) Essas pessoas [que vivem a condição atualmente prototípica da esquizofrenia] correm o risco de remoção teórica se nós não nos forçarmos a re-ajustar, re-calibrar, re-sintonizar nosso conhecimento psicopatológico à sua condição” (Stanghellini, 2004, p. 37).

O livro foi concebido como um ensaio composto de dez estudos que se desenvolvem a partir de idéias de autores como Louis Sass (1994) e Josef Parnas (2003), que contribuíram para o estabelecimento de um modelo da psicose esquizofrênica baseado em distúrbio da autoconsciência pré-reflexiva ou ipseidade. Essas idéias são expandidas e revisitadas à luz do conceito de “senso-comum”.

Senso-comum pode ser compreendido em diferentes aspectos: (a) *coenestesia* – o cruzamento ou acoplamento de todas as informações sensoriais que constitui a base para a autoconsciência, incluindo o senso de ser a pessoa o agente de seus próprios pensamentos ou ações (*agency*) e o senso de propriedade (*ownership* ou *myness*), o senso de que é a pessoa, ela própria, que está experimentando seu pensamento, emoção ou movimento; (b) *sensus communis* – o conhecimento proposicional constituído do conjunto de regras de inferência compartilhado pelo grupo social, através do qual seus membros conceitualizam objetos, situações e o comportamento das outras pessoas; e (c) *social attunement* – a sintonia social, a habilidade emocional-conativa-cognitiva de perceber a existência de outros como similar à nossa própria, de fazer contato emocional com os outros e intuitivamente acessar sua vida mental. A sintonia social é vista como um ato incorporado, baseado na intercorporeidade (*intercorporeality*). Stanghellini empresta de Merleau-Ponty uma concepção de intersubjetividade como intercorporeidade – a capacidade de compreender o outro baseada na ressonância entre o próprio corpo e o corpo do outro.

A originalidade da proposta de Stanghellini está em mostrar como todas essas dimensões do senso-comum (*coenesthesia*, *sensus communis*, e *attunement*) estão relacionadas umas com as outras. É o conceito de Aristóteles de *koiné aisthesis*,<sup>3</sup> adotado à luz da idéia de intersubjetividade como intercorporeidade,

2. A expressão que Stanghellini usa é *slithery pseudo-sociopathic condition*. Por pseudo-sociopática, o autor se refere a uma condição de marginalidade, não-conformidade, excentricidade, exclusão do jogo social.
3. A tradução literal do termo grego *koiné aisthesis* para o latim é *sensus communis*, mas Stanghellini nos lembra que para Aristóteles *koiné aisthesis* tem duas diferentes funções: combinar as diferentes modalidades dos sentidos específicos – integração sensorial, e acompanhar cada sensação da consciência da própria sensação, ou seja, a percepção de si mesmo enquanto percebendo (ouvindo, vendo etc.) alguma coisa.

que lhe oferece o *background* filosófico para o estabelecimento dessa visão panorâmica.

É sobre a discussão delineada acima que recai a ênfase do livro de Stanghellini. De seus dez estudos, seis se destinam a estabelecer as bases históricas, epistemológicas e conceituais dessa discussão.

O cerne psicopatológico do livro se encontra nos quatro últimos estudos. No sétimo estudo o autor se propõe a descrever a “psicose maníaco-depressiva” – embora de fato praticamente se restrinja a falar da “melancolia” – como uma desordem da autoconsciência e mais precisamente da identidade narrativa.

A identidade narrativa corresponde ao modo pelo qual a pessoa se representa para si mesma, o conceito que constrói de si mesma. É fruto da dialética entre *being-the-same* (*idem-identity*, permanência no tempo) e *being-one-self*. Esta última instância, por sua vez, compreende outra dialética: entre o *self* e o *other-than-self* (aquilo que não se é, mas que se poderia vir a ser). O melancólico experimenta o *other-than-self* como uma fonte de nulificação e alienação. “Essa intolerância ao *other-than-self* e a recusa/evitação da dialética imanente na constituição da própria identidade narrativa leva a uma identificação com identidades parciais, externas e reificadas, como a identidade de papéis (*role-identity*), isto é, representações apreciadas externa ou socialmente da identidade” (Stanghellini, 2004, p. 18).

Identidade narrativa e autoconsciência sensorial pré-reflexiva (um dos aspectos do *koiné aisthesis*) articulam-se como níveis diferentes de *selfhood*.

As pessoas esquizofrênicas experimentam uma alteração naquele que seria o nível mais profundo de *selfhood*: a autoconsciência sensorial pré-reflexiva, a qual “não é um fenômeno mediado, surgindo da reflexividade; não é uma representação cognitiva de si mesmo, ou o resultado de uma experiência introspectiva. Ao invés disso, é um fenômeno pré-reflexivo, pré-temático, pré-cognitivo, um tipo de conhecimento imediato de si mesmo, radicalmente diferente de um tipo de experiência noética” (ibid., p. 151). Na vivência esquizofrênica a autoconsciência sensorial pré-reflexiva perde seu caráter corporal e imediato, sendo substituída por uma consciência noética, de segunda ordem. Complementarmente observa-se uma hiper-reflexividade, uma tendência a direcionar a atenção focal e objetivante para aspectos do *self*, especialmente da vida mental, que normalmente seriam experimentados de dentro. Ocorre uma separação entre um *self* sujeito e um *self* objeto da experiência e, ao mesmo tempo, uma espacialização dos próprios fenômenos mentais – partes do *self* tornam-se como coisas no espaço externo. Esse é o tema do oitavo estudo, no qual encontramos a explicação para o título do livro: Stanghellini refere que as pessoas esquizofrênicas freqüentemente descrevem sua condição como a de um corpo sem alma ou de uma alma sem corpo. As duas descrições correspondem a lados de uma mesma moeda.

A falha na autoconsciência sensorial pré-reflexiva leva a um sentimento de ser um corpo sem vida: “*Koerper* – o corpo que eu tenho, em oposição a *Lieb* – o corpo que eu sou” (ibid., p. 153). Ocorre uma perda de contato emocional consigo mesmo e com o mundo, e uma mecanização do corpo, nos casos mais severos chegando à experiência de uma existência como um corpo sem alma. O reverso disso é a experiência de uma existência como um espírito desincorporado, um mero espectador das próprias percepções, ações e pensamentos.

No nono estudo, Stanghellini aborda o tema das alucinações audio-verbais. Considera inadequada a descrição de alucinações audio-verbais como distúrbios perceptivos – a percepção de discurso que ocorre na ausência de estímulos externos – e sustenta que as “vozes” são melhor compreendidas como uma objetificação mórbida do discurso interno, decorrentes de distúrbios da autoconsciência sensorial pré-reflexiva e da hiper-reflexividade, que conduzem a uma perda progressiva dos sentidos de agência e propriedade (*agency* e *ownership*).

No estudo final do livro, o mesmo argumento é aplicado à compreensão das experiências delirantes, compreensão para a qual o que importa “não é o ‘delírio ele mesmo’, mas, ao invés disso, aquilo o que o precede. Não é como a crença da pessoa delirante se mostra e está articulada com sua visão de mundo, mas sim, a transformação da experiência que é subjacente à sua nova visão de mundo” (ibid., p. 185). Para Stanghellini essa transformação da experiência surge de distúrbios da autoconsciência sensorial, pré-reflexiva, isto é, de uma metamorfose profunda na estrutura da consciência encarnada (incorporada) envolvendo a especialização da própria consciência.

Freqüentemente nos sentimos compelidos a fazer uso de metáforas, inclusive metáforas espaciais, para representar para nós mesmos nossos fenômenos mentais. Essas metáforas são parte do *sensus communis* – o vocabulário que compartilhamos com as outras pessoas da comunidade em que vivemos, e “não apenas servem para expressar e comunicar eventos que ocorrem em nossa consciência, reproduzindo-os por analogia; elas também dão forma ao modo como experimentamos nossos próprios eventos mentais” (ibid., p. 180). Stanghellini chama essas experiências de proto-alucinatórias, e considera que são inofensivas caso a autoconsciência pré-reflexiva esteja intacta; caso contrário, as fronteiras ontológicas entre signos, imagens e objetos materiais tornam-se borradas. Essa confusão ou sobreposição entre representações e realidade, imagens e coisas, metáforas e seus sentidos literais, seria a própria raiz da experiência delirante esquizofrênica.

Para o autor, o elemento que inscreve as dimensões da existência esquizofrênica descritas ao longo dos estudos em um mesmo círculo semântico interpretativo parece ser o *disembodiment* – “desincorporamento do *self*, das

relações interpessoais e também do esquema cognitivo-categorial em relação a suas referências extensionais, situadas no mundo social” (ibid., p. 22).

*Disembodied Spirits and Deanimated Bodies* não é uma leitura fácil e talvez não seja a via mais indicada para uma introdução à nova filosofia da psiquiatria, ou mesmo à nova psicopatologia fenomenológica, mas sem dúvida representa um esforço considerável no sentido de sintetizar informações e fazer avançar a psicopatologia com propostas conceitualmente mais refinadas e que estejam duplamente ancoradas nos aspectos naturalístico e humanístico da experiência mental patológica.

## Referências

KENDLER, Kenneth S. Toward a Philosophical Structure for Psychiatry. *American Journal of Psychiatry*, v. 162, n. 3, p. 433-40, 2005.

KRAUS, Alfred. How can the phenomenological-anthropological approach contribute to diagnosis and classification in psychiatry? In: FULFORD, B.; MORRIS, K.; SADLER, J.; STANGHELLINI, G. (ed.). *Nature and Narrative – An Introduction to the new Philosophy of Psychiatry*. International Perspectives in Philosophy and Psychiatry. Oxford: Oxford University Press, 2003.

PARNAS, J.; HANDEST, P. Phenomenology of anomalous self-experience in early schizophrenia. *Comprehensive Psychiatry*, v. 44, n. 2, p. 121-34, 2003.

SASS, L. *The Paradoxes of Delusion – Wittgenstein, Schreber and the Schizophrenic Mind*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1994.